

Arquivo-Museu de Literatura Brasileira em prosa: história de um sonho

Arquivo-Museu de Literatura Brasileira in prose: history of a dream

Ananda Borges Paranhos¹

Resumo:

Este artigo resulta da dissertação da autora, apresentada, no ano de 2019, no âmbito do curso de Mestrado em Memória e Acervos, da Fundação Casa de Rui Barbosa. Relata a trajetória do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) desde a sua idealização nos encontros do Sabadoyle até a sua institucionalização na Casa de Rui Barbosa. Apresenta as diferentes funções assumidas pelo AMLB, quais sejam: memorial de pesquisa literária e arquivística, definidas de acordo com o perfil de seus gestores. Traça o caminho percorrido pelo tratamento técnico do acervo que evolui da empiria à adequação aos estatutos epistemológicos da Arquivologia. Mostra o processo de informatização dos acervos arquivísticos o qual, ao permitir o acesso remoto, ampliou exponencialmente as consultas, levando à consolidação do AMLB como um *locus* de referência de fontes arquivísticas que subsidiam a pesquisa literária desenvolvida por pesquisadores do Brasil e do exterior.

Palavras-chave: Arquivo-Museu de Literatura Brasileira; arquivos literários; histórico.

Abstract:

This article is the result of the author's dissertation, presented, in 2019, as part of the Master's course in Memória e Acervos, from Fundação Casa de Rui Barbosa. It reports the history of the Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB), from its conception in the Sabadoyle meetings until its institutionalization at Casa de Rui Barbosa. It presents the different functions assumed by AMLB, which are memorial, literary research and archival, defined according to the profile of its managers. It traces the path taken by the technical treatment of the holdings that evolved from empiricism to the adaptation to the epistemological statutes of archival science. It shows the digitalization process of archival holdings which, by allowing remote access, expanded exponentially the research, leading to the consolidation of the AMLB as a reference locus for archival sources that subsidize literary research made by researchers from Brazil and abroad.

Keywords: Arquivo-Museu de Literatura Brasileira; literary archives; history.

A criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), no ano de 1937, caracteriza-se como a primeira iniciativa em nível nacional e institucional em prol da preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural do Brasil.² No entanto, nesse

¹ Mestre em Memória e Acervos pela Fundação Casa de Rui Barbosa. Especialista em Preservação de Acervos de Ciência & Tecnologia pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins. Arquivista pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. E mail: anandaparanhos@gmail.com

² Nascido como Sphan em 13 de janeiro de 1937, passou a denominar-se Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) no ano 1970.

momento, o que se compreendia por patrimônio eram os monumentos históricos, artísticos e naturais (paisagens), ou seja, não incluíam os documentos arquivísticos de caráter pessoal. Na verdade, o entendimento dos arquivos pessoais como patrimônio a ser preservado, se deu no âmbito de iniciativas independentes de criação de espaços dedicados a este fim. É nesse contexto que nasce o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB).

Instalado, em 1972 nas dependências da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), o AMLB é criado com o objetivo de expor e salvaguardar documentos de eminentes escritores brasileiros. Ocorre, porém, que a sua idealização começou bem antes da sua institucionalização. De acordo com o poeta Carlos Drummond de Andrade (1973), na década de 1960, nas reuniões semanais do famoso Sabadoyle, já se falava na criação de um “arquivo-museu”.

O Sabadoyle, assim denominado devido a um neologismo criado por um de seus frequentadores, o poeta e diplomata Raul Bopp, consistia em encontros literários informais que ocorriam aos sábados, na parte da tarde, na residência do advogado e bibliófilo Plínio Doyle. De acordo com Rangel (2008, p. 39), esses encontros “[...] transcorriam num clima amistoso e as conversas giravam em torno de temas do cotidiano, das novidades literárias e acadêmicas e do universo cultural e social dos participantes. ”

Essas reuniões tiveram início em 1964, a partir das visitas do poeta Carlos Drummond à biblioteca particular de Doyle destinada à aquisição e preservação de obras raras, de periódicos e de manuscritos referentes à literatura brasileira (SENNA, 1985). Como Drummond, outros autores e estudiosos da área passaram a consultar a referida biblioteca, sobre o que Senna (1985, p. 1) refletiu: “É natural que, sabendo os amigos de Plínio Doyle da existência desse tesouro bibliográfico, desde logo quisessem conhecê-lo de perto e beneficiar-se do acesso ao mesmo. ” Assim é que os primeiros participantes do Sabadoyle foram: Carlos Drummond, Américo Jacobina Lacombe, Joaquim Inojosa, Peregrino Júnior, Raul Bopp, Afonso Arinos de Melo Franco, Mário da Silva Brito, Wilson Martins, Ciro dos Anjos, Luís Viana Filho e outros (DOYLE, 1999). O Sabadoyle perdurou por 34 anos, chegando ao fim em 1998, por motivo de problemas de saúde de seu anfitrião, na época com 92 anos de idade.

Nas palavras de um dos frequentadores dos encontros semanais, o escritor Homero Senna (1985, p. 113), “O Sabadoyle tornou-se ponto de partida de uma instituição que cuida da perenidade do nosso acervo cultural, o Arquivo-Museu de Literatura da Fundação Casa de Rui Barbosa. ”

A inauguração do AMLB, em 28 de dezembro de 1972, foi marcada por uma pequena “[...] exposição camonianiana, comemorativa do 4º centenário dos Lusíadas. ” (ANDRADE, 1973, p. 5) na Sala Constituição do Museu-casa. Sua institucionalização ocorreu por instrumento da Portaria nº 5 de 1972:

Art. 31 – A Fundação Casa de Rui Barbosa terá um Arquivo-Museu de Literatura destinado à conservação e exposição de manuscritos e objetos que pertenceram a grandes vultos do mundo intelectual, recebidos diretamente dos mesmos, ou por doações e legados. (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, 1972, p. 9)

Os idealizadores do AMLB, Carlos Drummond de Andrade e Plínio Doyle, eram seus mais entusiasmados propagadores. Por meio de crônicas e apelos, incentivavam as doações ao recém-criado Arquivo-Museu:

Colecionador ou não, que tenha em casa um retrato, uma carta, um poema, um documento de escritor, e pode com ele enulentar o arquivo-museu menino, dirigido pelo espírito público de Plínio Doyle na Casa de Rui Barbosa: faça um *beau geste*, mande isso para São Clemente, 134, e terá oferecido a si mesmo o prêmio de uma satisfação generosa. (ANDRADE, 1973, p. 5)

Há que se registrar que, antes do AMLB instalar-se na FCRB, Plínio Doyle, por sugestão de Carlos Drummond, começou a pesquisar possíveis órgãos ou entidades que pudessem abrigar e conservar a memória literária brasileira. Primeiramente, pensou-se na Livraria José Olympio Editora, no entanto, por conta de questões administrativas da editora, não foi possível a concretização dessa ideia. Nesse momento Doyle solicitou a ajuda do historiador, e um dos frequentadores do Sabadoyle, Américo Jacobina Lacombe, então presidente da FCRB, que, entusiasmado com o projeto, ofereceu a Fundação como um possível espaço para o acolhimento do referido centro (DOYLE, 1999).

Meses antes da inauguração do AMLB, Carlos Drummond de Andrade (1972, p. 5), em crônica ao *Jornal do Brasil*, manifestava seu desejo de criação de um centro literário num contexto de formação de diversas instituições museais:

Velha fantasia deste colunista [...] é a criação de um museu de literatura. [...] Temos museus de arte, história, ciências naturais, carpologia, caça e pesca, anatomia, patologia, imprensa, folclore, teatro, imagem e som, moedas, armas, índio, república... e de literatura não temos. [...] Alguns arquivos particulares, como os de Plínio Doyle e João Condé, encerram preciosidades no gênero. Mas falta o órgão especializado, o museu vivo que preserve a

tradição escrita brasileira, constante não só de papéis como de objetos relacionados com a criação e a vida dos escritores.

Ao citar os “arquivos particulares” de Plínio Doyle e João Condé, Drummond referia-se à coleção de documentos literários pertencentes a esses dois ilustres apaixonados pela literatura. Continuando o testemunho do poeta:

Meu sonho é ver reunido, em sala bem arrumada, o manuscrito de Iracema, o tintureiro de Alphonsus de Guimaraens, o caderno de exercícios de alemão de Machado de Assis, e uma lembrança de Euclides e outra lembrança de Lima Barreto e mais isso e mais aquilo que nos restitua a presença, o esforço criador, a esquecida memória dos que, no Brasil, praticavam o ofício da palavra. (ANDRADE, 1972, p. 5)

Drummond considerava ainda

[...] uma alegria verificar que a iniciativa de um arquivo-museu de literatura vingou no Rio de Janeiro despojado oficialmente de sua condição de cidade-cabeça do país, mas ainda com disposição para lançar empreendimentos culturais como este. Ainda bem que, ao lado da demolição de velhos solares, da transformação de jardins em área de estacionamento, da construção de favelas verticais de concreto, da guerra contra o silêncio, e de outros males que tornam a vida urbana um perigo ou uma chatice, acontecem coisas aparentemente pequenas, mas cheias de sentido e alentadoras, ao jeito deste arquivo-museu organizado com tanto carinho e proficiência por Plínio Doyle, seu fundador e diretor “por amor à arte”, pois nada recebe pelos seus serviços, e é dos principais doadores do seu acervo. (ANDRADE, 1974, p. 5)

O ensaísta, crítico, memorialista, historiador e jornalista Antonio Carlos Villaça (1974, p. 8), por sua vez, considerava que o Arquivo-Museu era

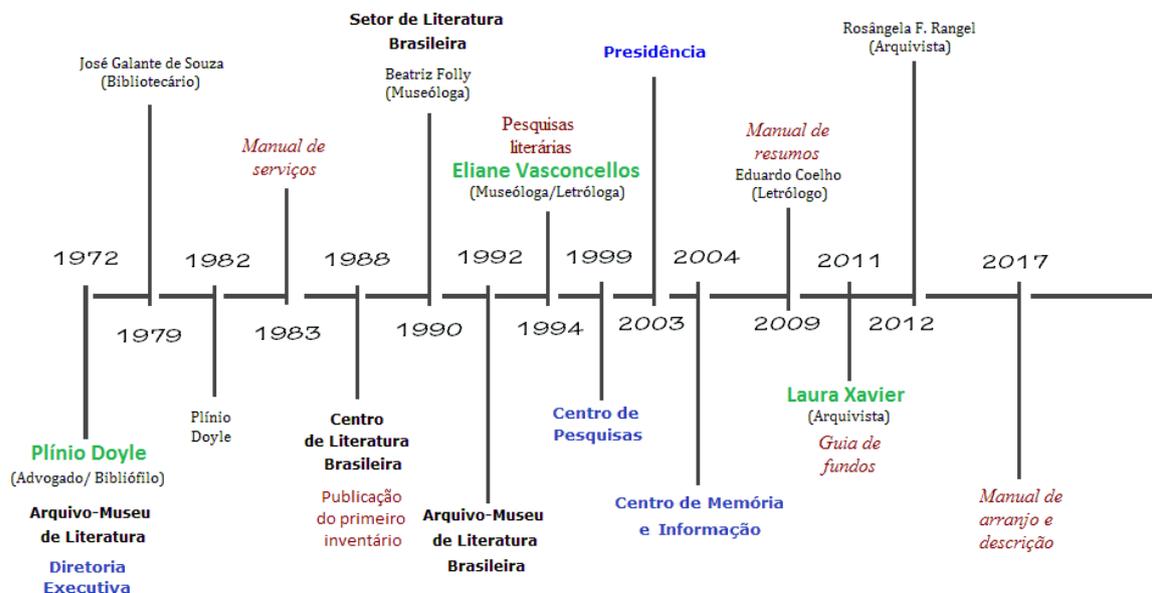
[...] uma instituição viva, dinâmica, disposta a prestar serviço à comunidade. Não é uma torre de marfim, um *hortus conclusus*, um lugar fechado, uma capelinha esotérica, mas pelo contrário, um ponto de convergência, um lugar de convívio, uma casa voltada ao mesmo tempo para o passado e para o futuro, aberta, disposta a dar, e não só a receber.

Ao longo dos seus 48 anos de existência, o AMLB assumiu características que variaram de acordo com os perfis dos seus gestores, perpassando as seguintes visões: memorial, de pesquisa literária e arquivística. Em relação à visão memorial, esta, se consolidou durante a direção do bibliófilo Plínio Doyle. A partir dos anos de 1990, sob a liderança da letróloga Eliane Vasconcellos, a pesquisa literária passou a definir o setor. Por fim, de 2011 em diante, com a arquivista Laura Regina Xavier, a abordagem arquivística

passou a preponderar com o AMLB se configurando, definitivamente, como um centro de fontes primárias que subsidiam a pesquisa na área de literatura.

A figura abaixo representa as características acima identificadas

Figura 1 - A trajetória do AMLB na FCRB.



Fonte: A autora (2021).

A história do AMLB começa com Doyle à frente do então chamado Arquivo-Museu de Literatura (AML).

Plínio Doyle nasceu no Rio de Janeiro, em 1º de outubro de 1906. Destacou-se como pesquisador, colecionador, bibliófilo, arquivista provisionado e advogado especialista em direitos autorais de publicações literárias. Dirigiu o AMLB por 18 anos, oficialmente e extraoficialmente. Durante esses 18 anos de direção, Doyle teve uma interrupção na gestão do Arquivo-Museu de aproximadamente três anos para dirigir a Biblioteca Nacional, nos anos de 1979 a 1982 (DOYLE, 1999). No período de seu afastamento, o bibliotecário e pesquisador de Machado de Assis, José Galante de Souza, assumiu a direção do setor.

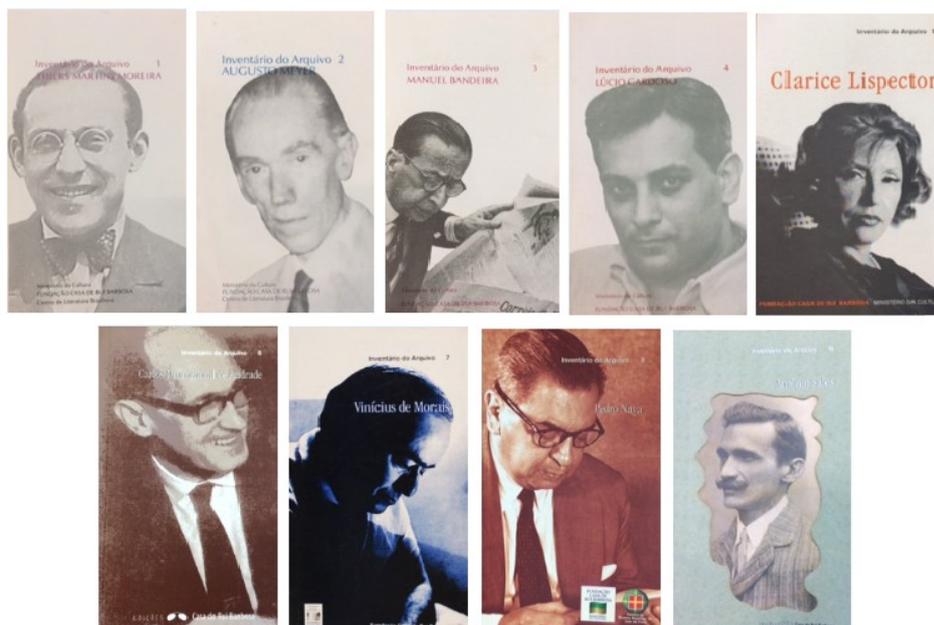
Em 1982, Doyle retorna à direção do AMLB e um ano depois produz o primeiro manual técnico do setor, o *Manual de Serviços*, que contemplava a metodologia da época para a organização dos arquivos pessoais e dos documentos avulsos.

No ano de 1988, o AML passa a se chamar Centro de Literatura Brasileira (CLB) devido à heterogeneidade dos acervos recebidos pelo setor (arquivístico, bibliográfico e museológico). De acordo com Ferrando (2018), a criação do centro foi precedida por *Memória e Informação*, v. 5, n. 1, p.52-65 jan./jun. 2021

documento elaborado pela equipe técnica da Fundação Nacional Pró-Memória (FNpM), no ano de 1986, intitulado *Proposta de criação de um centro de documentação especializado em literatura brasileira*. A proposta baseava-se na organização dos acervos de acordo com suas características específicas e também sugeria a formação de subsetores. No entanto, deficiências estruturais, como falta de equipe técnica e de espaços adequados, inviabilizaram o sucesso dessa proposta.

Como CLB, o AMLB inicia publicação impressa de inventários denominados *Série Inventário do Arquivo* (Figura 2), elaborados a partir de uma metodologia de arranjo e descrição para arquivos pessoais proposta pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas na década de 1980. O primeiro inventário publicado foi o do arquivo de Thiers Martins Moreira, em 1988, por se tratar do primeiro arquivo doado ao AMLB.

Figura 2 - Série Inventário do Arquivo.



Fonte: Paranhos (2019).

A década de 1990, em consequência da reforma administrativa implementada pelo governo Collor, que implicou na redução de cargos comissionados do serviço público federal, foi marcada com a saída de Doyle da direção e com a perda de *status* de diretoria do AMLB, deixando de ser Centro de Literatura Brasileira para se tornar Setor de Literatura Brasileira, mantendo, porém, sua subordinação à Diretoria Executiva. Tal condição hierárquica perdurou até o ano de 1999, quando o Arquivo-Museu passou a integrar o Centro de Pesquisas. *Memória e Informação*, v. 5, n. 1, p.52-65 jan./jun. 2021

A primeira chefe do Setor de Literatura Brasileira foi a museóloga Beatriz Folly que permaneceu no cargo até o ano de 1994. Em sua gestão, o setor passou a se chamar Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, nome que perdura até os dias atuais, sendo o mais próximo da denominação de origem.

Em 1994, Eliane Vasconcellos, museóloga, doutora em Letras e pesquisadora da FCRB, é nomeada chefe do AMLB. Durante sua gestão, Vasconcellos implementou os primeiros projetos na FCRB financiados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela **Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj)**. Tais projetos eram voltados para a organização dos arquivos com enfoque na pesquisa literária.

Nos anos 2000, a FCRB passou a contar com duas fontes de recursos financeiros de fomento às suas pesquisas: o Programa Institucional de Bolsista de Iniciação Científica (Pibic), do CNPq, e o Programa de Incentivo à Produção do Conhecimento Técnico e Científico na Área da Cultura (PIPC), da própria FCRB, internamente conhecido como Pipoca.

Durante a gestão de Vasconcellos, deu-se início ao tratamento do acervo museológico, que, até então, limitava-se ao simples registro no livro de tomo (FERRANDO, 2018). Cabe ainda ressaltar que, durante sua gestão, o atendimento aos pesquisadores, tanto internos quanto externos, foi uma de suas prioridades.

No ano de 2009, com a decisão de Vasconcellos de deixar a chefia do AMLB, o professor Eduardo dos Santos Coelho, doutor em Literatura Brasileira, foi convidado a assumir o cargo. Uma das principais características de sua gestão consistiu na padronização do resumo de conteúdo dos documentos dos arquivos literários, o que muito contribuiu para agilização do trabalho de descrição arquivística. Essa padronização resultou no manual *Como fazer um resumo* e inspirou a realização de um curso anual oferecido pelo AMLB e ministrado pelo próprio professor.

Em 2011, com a saída de Eduardo Coelho do AMLB, o setor passou a ser chefiado pela arquivista Laura Regina Xavier. Pela primeira vez, o setor tem à sua frente uma profissional com formação em Arquivologia. Destacam-se na sua gestão: a elaboração do estado da arte dos arquivos literários e a publicação *Guia do acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira*.

Um ano depois, a arquivista Rosângela Florido Rangel assume a gestão do AMLB e dá-se início ao trabalho de introdução de uma nova metodologia de arranjo dos arquivos *Memória e Informação*, v. 5, n. 1, p.52-65 jan./jun. 2021

literários, a elaboração do novo manual técnico de arranjo e descrição para documentos arquivísticos e à retomada do tratamento técnico do acervo museológico. Todas as iniciativas foram viabilizadas pelo PIPC, que possibilitou a contratação de bolsistas devidamente aprovados em processo seletivo.

Cabe ressaltar que, durante a implantação dessa nova metodologia de arranjo, o AMLB realizou seu cadastro no Conselho Nacional de Arquivos (Conarq) para obter seu registro no Código de Entidades Custodiadoras de Acervos Arquivísticos (Codearq), previsto na Norma Brasileira de Descrição Arquivística (Nobrade).

Até presente momento, o AMLB possui 148 arquivos, 650 dossiês que integram a chamada Coleção AML³ e mais de 1.200 objetos museológicos (VASCONCELLOS; XAVIER, 2012). Em relação aos arquivos, destacam-se os de José de Alencar, Cruz e Souza, Gonzaga Duque, Lúcio de Mendonça, Salvador de Mendonça, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto e Rubem Braga. Quanto às coleções, ressaltam-se a de Machado de Assis, Afonso Arinos, Mário de Andrade, Mário de Alencar e Raquel de Queiroz.

2 Da aquisição e organização dos arquivos do AMLB

Os arquivos pessoais, quando doados a instituições de memória, deslocam-se do seu ambiente doméstico para o público, uma vez que serão abertos à consulta. Durante esse percurso, são afetados por “[...] procedimentos técnicos por parte de saberes especializados [Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia] [...]” (MARQUES, 2015, p. 19) e por condições de custódia e de preservação.

Ao chegarem ao AMLB, os documentos apresentam sinais de organização e desorganização por parte dos próprios produtores ou de seus curadores. No caso dos primeiros, os documentos “[...] nem sempre são acumulados de forma automática e contínua, [...]” (MARQUES, 2015, p. 23). Já em relação aos curadores, muitas vezes estes, na tentativa de selecionar ou organizar a documentação antes da doação, acabam por desconstruir a organização proposta pelo produtor.

Há que registrar, nesse mérito, que, no contexto do AMLB, os únicos arquivos que possuíam uma organização prévia ao serem doados foram os do poeta Carlos Drummond de

³ Trata-se de conjuntos de documentos de e sobre escritores brasileiros, de diversas proveniências, agrupados no formato de pequenas coleções.

Andrade, arranjado pelo mesmo em quase toda sua totalidade, e o do escritor Rodrigo Melo Franco de Andrade, organizado pelo próprio Drummond.

Com ou sem uma organização prévia, os arquivos pessoais doados ao AMLB são submetidos a um tratamento técnico com base nos princípios teórico-metodológicos da Arquivologia. Entre esses princípios, encontra-se o do respeito à ordem original, isto é, a manutenção da organização dada pelo titular sempre que possível.

Em geral, os arquivos doados ao AMLB são acompanhados de documentos museológicos e bibliográficos. Os primeiros permanecem no AMLB, mas os bibliográficos são encaminhados à Biblioteca São Clemente da FCRB.

Os documentos museológicos são reunidos por titulares e classificados com base no *Thesaurus para acervos museológicos* em onze categorias distintas, dentre as quais destacamos (com alguns exemplos): objetos pessoais (óculos, bengalas), equipamentos de comunicação escrita (máquina de escrever, canetas-tinteiro), mobiliário (mesas, poltronas), objetos pecuniários (moedas, cédulas), insígnias (condecorações, medalhas condecorativas) e objetos comemorativos (placas comemorativas, homenagens).

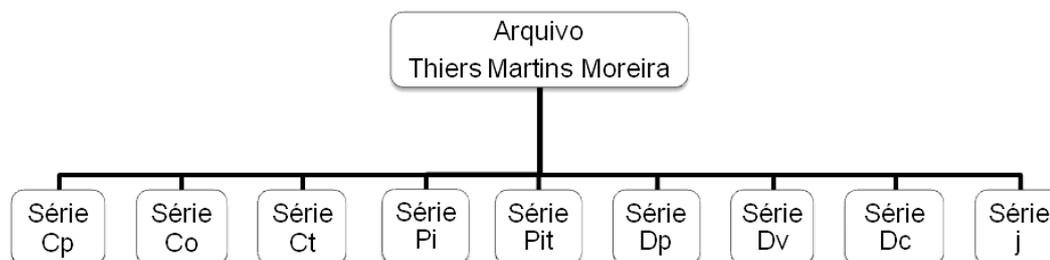
Em relação à documentação arquivística, esta, a princípio, apresentou uma metodologia de tratamento que refletia uma abordagem menos comprometida com os padrões da Arquivologia, na qual os documentos eram identificados e registrados em um livro de tombo e descritos em fichas índice.

As fichas eram agrupadas pelos seguintes temas: correspondência do titular (passiva e ativa), correspondência de terceiros, trabalhos de autoria do titular, trabalhos de autoria de terceiros, documentos, miscelâneas e iconografia. E continham os seguintes descritores: autor, número de tombo, destinatário, técnica gráfica, espécie documental, número de documentos, data de produção e proveniência. A recuperação da informação contida nos documentos se dava por meio de fichas dispostas em ordem alfabética por autor e por tema. Essa metodologia é consagrada no *Manual de serviços* de 1983. O AMLB ainda possui essa organização em alguns arquivos, tais como dos escritores Peregrino Júnior e Cyro dos Anjos.

A segunda metodologia assumiu um caráter arquivístico, sendo adotada, em meados da década de 1980, apenas para os documentos textuais. Consistia em uma metodologia proposta pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), conforme mencionado anteriormente, com base na experiência da França e dos Estados Unidos. Por essa metodologia, os documentos eram arranjados por séries, isto é, conjuntos documentais “[...] que compõem uma unidade definida a partir dos critérios de Memória e Informação, v. 5, n. 1, p.52-65 jan./jun. 2021

conteúdo ou espécie de material. ” (CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL, 1980, p. 3) .Um exemplo dessa metodologia é apresentado em seguida com o Arquivo Thiers Martins Moreira (Figura 3), o primeiro arquivo pessoal estruturado segundo essa lógica, apresentando, porém, as particularidades de arquivo pessoal de um literato.

Figura 3 - Quadro de arranjo do Arquivo Thiers Martins Moreira.



Fonte: Paranhos (2019).

No diagrama ora apresentado, os documentos foram distribuídos em nove séries, as quais, da esquerda para direita, são: Correspondência pessoal (Cp), Correspondência oficial e comercial (Co), Correspondência de terceiros (Ct), Produção intelectual (Pi), Produção intelectual de terceiros (Pit), Documentos pessoais (Dp), Diversos (Dv), Documentos complementares (Dc) e Recortes (j).

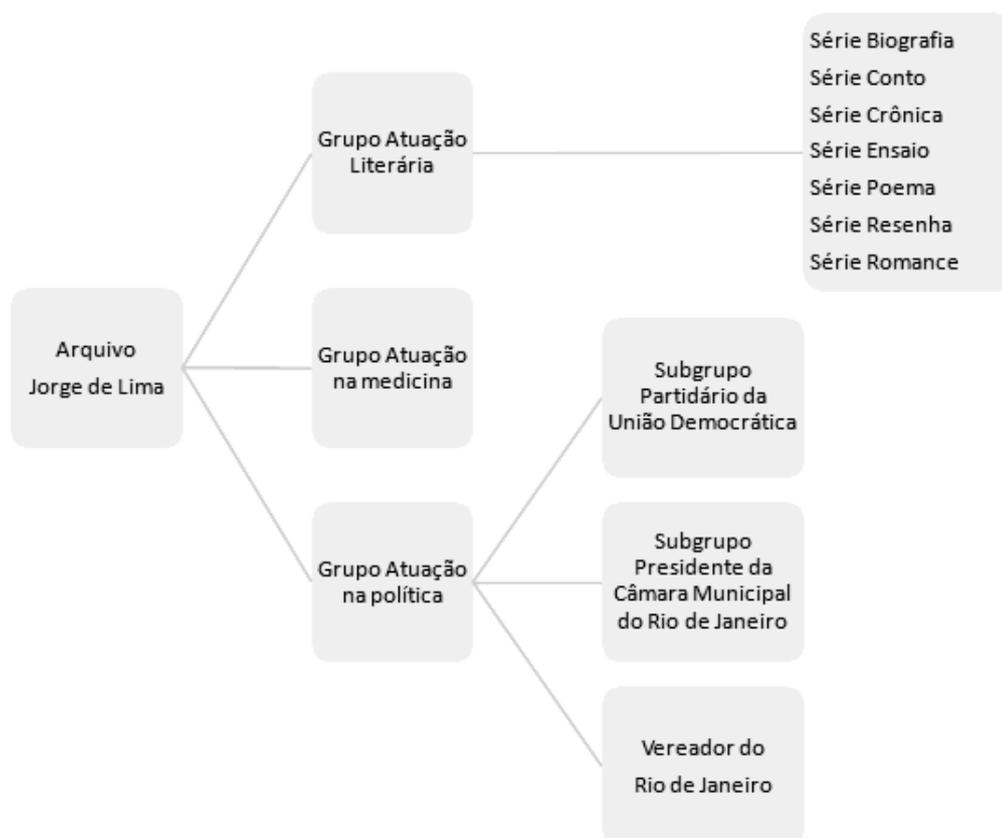
A terceira metodologia foi adotada a partir do ano de 2015. Os novos procedimentos que a configuram surgem nos anos 2000, quando os profissionais de arquivo no Rio de Janeiro começaram a questionar a antiga metodologia, considerando-a inadequada, uma vez que o arranjo não refletia as atividades desenvolvidas pelo titular do acervo, limitando-se a uma separação documental por espécie e por temas pré-estabelecidos à semelhança das regras biblioteconômicas.

Assim é que, em 2015, dá-se início à atualização das práticas arquivísticas no AMLB. Essa atualização pautou-se nos princípios “[...] postulados sob a presunção de uma afinidade entre os documentos e seu produtor no qual o arranjo dos documentos atua como um tipo de espelho da entidade que os produziu. ” (DOUGLAS; MACNEIL, 2009 *apud* ABREU, 2017, p. 88) e na adoção da Nobrade.

A nova metodologia tomou por base as experiências de arranjo em arquivos pessoais da Casa de Oswaldo Cruz (COC), do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), do Arquivo Nacional (AN), do CPDOC e da Fundação Fernando Henrique Cardoso (FFHC).

Após um estudo profundo da nova proposta e de sua aplicabilidade aos acervos do AMLB, tomou-se a decisão de adotá-la e de sistematizá-la no *Manual de padronização dos procedimentos de arranjo e descrição dos documentos arquivísticos e das coleções do AMLB*. Essa nova proposta de arranjo se constitui numa estrutura multinível em que os conjuntos documentais são agrupados de acordo com as funções desempenhadas pelo titular do arquivo ao longo de sua vida. Tais grupos de documentos se desdobram “[...] em outras frações agora com base nas espécies e tipos documentais existentes.” (RONDINELLI; PARANHOS; ABREU, 2017, p. 8) A figura 4 demonstra parte do resultado dessa operação.

Figura 4 - Extrato de arranjo do Arquivo Jorge de Lima.



Fonte: Paranhos (2017).

Há que considerar que a organização dos arquivos pessoais implica em pesquisa criteriosa sobre a vida e a obra do titular, exigindo dos arquivistas que “[...] mergulhem no processo criativo do autor, procurando entender sua intencionalidade e mecanismos de produção de suas obras.” (PARANHOS, 2017, p. 10). Além disso, no caso específico do AMLB, registra-se uma peculiaridade dos seus acervos, a qual se traduz na heterogeneidade

com que se apresentam no momento da doação, uma vez que se constituem não só de documentos textuais, mas também de livros, objetos pessoais como máquina de escrever, óculos e obras de artes.

As diferentes metodologias de tratamento do acervo arquivístico descritas acima resultam em instrumentos de pesquisa que permitem o acesso dos pesquisadores às fontes primárias que buscam. Afinal, o objetivo do tratamento arquivístico é “[...] preservar os documentos de valor e torná-los acessíveis à consulta.” (SCHELLENBERG, 2006, p. 345) e somente por meio de uma metodologia consistente e harmonizada com o tipo de acervo que se pretende tratar (arquivístico, museológico ou bibliográfico), esse objetivo pode ser alcançado.

Muitos dos instrumentos de pesquisa elaborados pelo AMLB eram impressos e publicados, o que permitia maior divulgação de seus conteúdos. Essa divulgação assumiu um alcance inimaginável a partir do advento da tecnologia digital e sua implementação em rede a partir da década de 1990. Foi o momento da explosão das bases de dados descritivas em todo o mundo.

Assim é que no ano de 1994 o AMLB aderiu à nova tendência e passou a dispor de um sistema de automação dos seus inventários, que passaram a ser feitos em bases de dados. Entretanto, nesse momento, o acesso aos acervos propriamente ditos do AMLB ainda era presencial. Foi só a partir de 2006, com a inserção das bases de dados no *site* da FCRB⁴ é que a consulta remota se tornou possível, ampliando exponencialmente o número de acervos consultados. Era a consolidação do AMLB como um *locus* de referência de fontes arquivísticas que subsidiam a pesquisa literária desenvolvida por pesquisadores do Brasil e do exterior.

Referências

ABREU, Jorge Phelipe Lira de. **Existir em bits: gênese e processamento do arquivo nato digital de Rodrigo de Souza Leão e seus desafios à teoria arquivística.** 2017. 161 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Documentos e Arquivos) – Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.unirio.br/ppgarq/tccs/turma-2015.2>. Acesso em: 27 maio 2019.

⁴ O *website* da FCRB foi lançado no ano de 1997.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Em São Clemente, 134. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, caderno B, p. 5, 4 jan. 1973.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Museu: fantasia. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, caderno B, p. 5, 11 jul. 1972.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Rui acolhe escritores. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, caderno B, p. 5, 11 jun. 1974.

DOYLE, Plínio. **Uma vida**: Plínio Doyle. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

FERRANDO, Ellen Marianne Röpke. **O acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira**: desafios para a preservação de um conjunto artístico em arquivos e coleções literárias do século XX. 2018. 194 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Memória e Acervos) – Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/20.500.11997/7376/1/Disserta%20c3%a7%20c3%a3o_Ellen%20M%20R%20Ferrando.pdf. Acesso em: 17 mar. 2021.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **Portaria n. 5, de 18 de outubro de 1972**. Resolve expedir o anexo Regimento interno da Fundação Casa de Rui Barbosa e Revogar a Portaria n. 3, de 15 de maio de 1968 e o Regimento interno da Fundação Casa de Rui Barbosa, pela mesma Portaria expedido. Rio de Janeiro: FCRB, 1972.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Metodologia de organização de arquivos pessoais**: experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: FGV, 1980.

MARQUES, Reinaldo. **Arquivos literários**: teorias, histórias, desafios. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2015.

PARANHOS, Ananda Borges. **Arquivo Jorge de Lima**: um testemunho das múltiplas facetas do escritor. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2017. Não publicado.

PARANHOS, Ananda Borges. **Construindo gêneros discursivos na rede**: uma proposta de reformulação da linguagem verbal escrita das páginas *web* do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. 2019. 102 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Memória e Acervos) – Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/xmlui/bitstream/handle/20.500.11997/12378/ananda_paranhos_2019.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 16 mar. 2021.

RANGEL, Rosângela Florido. **Sabadoyle**: uma academia literária alternativa?. 2008. 140 f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/2150>. Acesso em: 11 jun. 2018.

RONDINELLI, Rosely Curi; PARANHOS, Ananda Borges; ABREU, Jorge Phelipe Lira de (org.). **Manual de padronização dos procedimentos de arranjo e descrição dos**

Memória e Informação, v. 5, n. 1, p.52-65 jan./jun. 2021

documentos arquivísticos e das coleções do AMLB. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2017.

SCHELLENBERG, Theodore R. Serviço de referência. *In*: SCHELLENBERG, Theodore R. **Arquivos modernos: princípios e técnicas.** 6. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006. p. 345-359.

SENNÁ, Homero. **História de uma confraria literária: o Sabadoyle.** Rio de Janeiro: Xerox, 1985.

VASCONCELLOS, Eliane; XAVIER, Laura Regina. **Guia do acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira.** Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2012.

VILLAÇA, Antonio Carlos. O museu milionário da Rua São Clemente. **Jornal do Brasil,** Rio de Janeiro, caderno B, p. 8, 4 jun. 1974.